

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 632

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SÉCULO

ARCAINO

As pardocas invejosas

POR LEONOR DE CAMPOS



DUAS senhoras pardocas encontravam-se nos ramos dum castanheiro.

— «Bom dia!»
— exclamou uma.

— «Bom dia!»
— repetiu a outra.

— «Então, que anda a senhora a fazer por aqui?»

— «A tratar da vida. Tenho cinco meninos a sustentar. Ando à cata de acepipes para lhes meter no bico...»

— «Tem graça. E precisamente o que eu ando a fazer. Também tenho filhinhos no ninho. E os marotos são gulosos e comilões que é um louvar ao Senhor!...»

— «Diz bem, senhora Pardoca. Quando os petizes têm apetite, temos que dar graças a Deus, porque é sinal de que a saúde é boa!...»

A conversa prolongou-se ainda alguns momentos. Mas, de repente, uma das pardocas viu que da terra húmida surgia, pouco a pouco, uma grande minhoca.

— «Táte! — murmurou. — Bom pitêu para a filharada.»

E preparava-se para a apanhar, quando a outra pardoca a enxergou também.

— «Alto! — disse ela. — Af está o que me convém!...»

— «Não. É minha, porque a i primeiro!...»

— «Nada disso!... É minha, porque está mais perto de mim!...»

— «Não. É minha!...»

— «É minha, já disse!...»

E as duas pardocas engalfinharam-se, lutando desesperadamente.

Entretanto, um senhor pato marreco, que andava por ali à caça de caracóis e outros bichos da sua simpatia, atraído pela briga foi chegando. As duas pardocas bicavam-se com tal fúria que nem deram pela aproximação do pato. Este, depois de observar as duas lutadoras e de ver que a causa da discórdia era aquela minhoca, já partida ao meio pelo bico duma delas, grasnou:

— «Cuá cuá!... Com licença de vossas bichezas!...»

E, duma só vez, papou as duas metades da minhoca.

*

Ora esta história faz-me lembrar o que sucedeu a dois meninos do meu conhecimento, na semana passada.

OUTROS INVEJOSOS

O Rui e o João, irmãos embirrentos e invejosos, comiam a sua merenda,

sentados num banco do Jardim da Estrêla.

Comeram as fatias de pão com manteiga. E quando desfizeram o embrulho em que vinham os bolos, viram que, certamente por engano, a criada metera no pacote, em vez de quatro, cinco bolos.

Se o Rui e o João não fossem invejosos e tivessem juízo, partiriam o quinto bôlo ao meio e comeria cada qual o seu bocado.

Mas... desataram a gritar:

— «Este bôlo é para mim, que o vi primeiro!...»

— «Não. É para mim, que sou o mais velho!...»

— «Não é. É meu!...»

— «É meu!...»

E tal qual as duas pardocas, os irmãos agarraram-se furiosos e desataram à pancadaria.

Com a violência da luta, o Rui deixou cair da mão o bôlo.

Imediatamente, um cão vadio, que andava por ali, deu um salto e filou o manjar. E, sem esperar o resultado da luta, fugiu com o bôlo na boca e foi saboreá-lo, muito descansadamente, para debaixo dum banco.

*

Agora, digam-me: Foi ou não justo o castigo?

Não é mesmo uma vergonha que

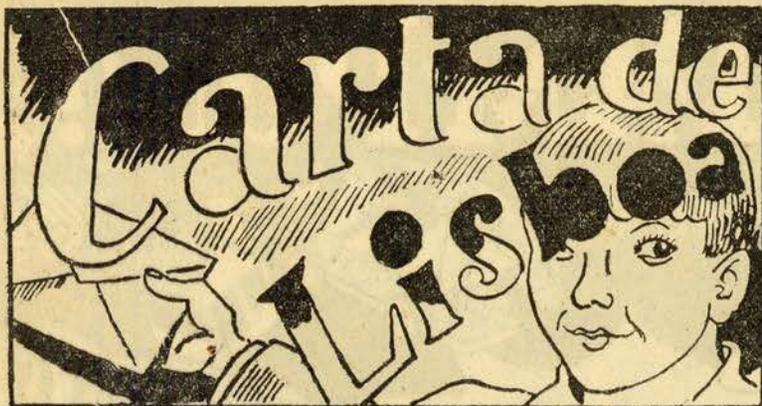
dois meninos, com obrigação de serem educados, procedam como as pobres pardocas, bichinhos irracionais e sem juízo?



ARCAINO

F

M



Por FRANCISCO VENTURA

Mamãzinha, eu cheguei bem
Mas um pouco aborrecido,
Por vir, assim, tanto tempo,
Na carruagem metido.

Cheguei já quási à noitinha,
Porque o comboio, mauzão,
Lá porque havia estação,
Estava sempre parado
É o menino arreliado
Por não chegar à cidade.
Enfim, cheguei de verdade
Mas, quando aí regressar,
Hei-de dizer ao comboio
Para não estar a parar;
Que ande depressa o caminho
É não faça como agora:
Ele estava paradinho
E os campos iam-se embora.

A tia foi à estação
Esperar pelo menino
E manda dizer que tem
Dentro do seu coração
Muitas saudades da mãe,
Do paizinho e do Faustino.

Tenho passeado muito
Pelas ruas de Lisboa.
Já fui à Graça, a Benfica,
Ao Castelo, à Madragôa
E já sei bem onde fica
Qualquer rua ou avenida,
E donde é que é a partida
Dos carros p'ra qualquer lado;
Também já fui vêr o mar
Que estava bastante irado.

Mas julgo bem que Lisboa
Não é cidade tão boa

Como eu ouvia dizer.
E sabes porquê, Mãizinha?
E' que se há cá gente a rir
Também há gente a sofrer
E pobrinhos a pedir.

Inda onçem, à tardinha,
Vieram bater à porta.
Era uma mulherzinha
A pedir uma esmolinha,
E tão triste, tão magrinha
Que até fazia aflição.
Trazia um menino ao colo
E outro agarradinho à mão.

Preguntei quem ela era
Mas ninguém ali sabia.



Vê lá, mãizinha, tão pobre
E ninguém a conhecia!

Era uma vez...

POR

MANUEL FERREIRA

DESENHOS DE ARCINDO



VIA, em longes terras, um rei que era muito querido de todos. Chamava-se Salvador e, nas horas vagas, entretinha-se jogando o xadrez ou fazendo concursos entre o seu povo.

Certa tarde, aborrecido, mandou chamar o seu ajudante e deu-lhe quaisquer ordens. O dignitário curvou-se e saiu, enquanto o rei, relanceando os olhos pelos jardins maravilhosos do palácio, dir-se-ia estar abstracto.

Dias depois, nas povoações mais importantes, surgiram cartazes, chamando a atenção dos populares para um concurso que el-rei iria promover.

Chamava-lhe Salvador o concurso da maior bravura e consistia em os interessados enviarem carta ao palácio, contando o que haviam feito que merecesse um prémio.

Milhares de cartas apareceram no ga-



Se eu chegar a ser doutor,
Hei-de uma lei arranjar
Que ponha fim à pobreza
Mais a quem anda a chorar.

Ah! Lá isso hei-de arranjar!

E agora adeus, Mamãzinha,
Vou estudar a lição
Para ir para a caminha
Com ela já sabidinha.
Quando o Alfredo aí fôr,
Dize que eu já estou maior

binete do bom Salvador. De tôdas as cartas o rei apartou três que considerou mais merecedoras de prêmio. A primeira dizia:

«Sou um modesto cavador. Certo dia dirigia-me ao local do meu trabalho, quando vi uma serpente em torno dum menino que dormia numa eira. Matei a cobra e levei a criança para minha casa, onde esteve, até que apareceram os pais, de quem o menino se tinha perdido.»

— «Bonito gesto, não haja dúvida. Salvou a criança e protegeu-a.» — (Observou a rainha Libânia, que era, também, muito bondosa).

— «Ouve esta carta.» — (Tornou el-rei).

— «Sendo eu almocreve, vinha, em certa noite, por uma estrada, quando ouvi gritos. Corri imediatamente e vi um garoto suspenso duma rocha. Com risco de vida, retirei-o da crítica situação em que estava.»

— «Também é digno de nota este acto — (Observou Salvador). Veremos a terceira carta.»

— «Como sou militar, andava em reconhecimento num campo inimigo. Ouvi, em conversa, dizer que iam assaltar a cidade a cuja guarnição eu pertencia, aproveitando o facto de estar desguarnecida. Eu, então, atravessêi as linhas inimigas e vim avisar os meus. Imediatamente, puseram-se todos na defensiva e devido à minha intervenção, a cidade foi salva.»

— «E' para este o prêmio.» — (Concluiu el-rei).

Palavras não eram ditas, o ajudante entrou no aposento, e disse:

— «Real Majestade, uma mulherzinha, minha conhecida, conta que o marido ia, certa tarde de inverno, a atravessar uma serra, quando encontrou num rio, um homem a esbracejar. Conheceu-o. Era Beltrão, um seu inimigo que muito havia prejudicado. Mas não vacilou. Deitou-se à água e salvou-o.»

— «E, depois?» — (Preguntou o rei).

— «Depois, morreu em resultado dum resfriamento. E a pobre mulher, se não fôsse o meu auxilio e de outras pessoas que se compadecem da sua miséria, morreria à mingua, pois Beltrão não teve a mais pequena gratidão para quem o tinha salvo.»

— «Será para a pobre mulher o prêmio que o marido dela merecia. Foi, de facto, um verdadeiro herói. E esse Beltrão irá, imediatamente, por minha ordem, para uma terra distante, onde viverá abandonado de todos, até se arrepender da sua negra ingratição.»

CONCURSOS QUINZENAIS DE CONTOS E POESIAS INFANTIS

No intuito de estimular as vocações literárias dos nossos leitores de idade superior a 15 anos, a mais compatível com o desabrochar intelectual do incipiente escritor, o «Pim-Pam-Pum» inicia uma nova série de CONCURSOS QUINZENAIS DE CONTOS E POESIAS INFANTIS, baseado no plano exposto no número 630 do nosso suplemento.

As produções deverão ser enviadas à redacção do «Pim Pam Pum» — Rua do Século 63 — Lisboa, acompanhadas dum sobrescrito lacrado contendo o nome e morada do autor e, exteriormente, o pseudónimo correspondente a quele com que for firmado o original.

No final de cada produção, a fim de evitar plágios, cada concorrente deverá fazer pelo seu próprio punho a seguinte declaração: — «Garanto, sob minha inteira responsabilidade, a autoria do presente trabalho.»

E já não uso calção.
Que trago calça comprida
E não receio o papão.
Que o menino
É já hoje um homenzinho.

Recebe beijinhos meus
E um saudosíssimo adeus
do teu filho

Luizinho.

F I M

ANEDOTA

O dono do pomar:— «Olá! O que vem a ser isso? Como está você aí em cima da minha macieira?»

O rapaz:— «Desculpe, senhor; caí agora mesmo dum aeroplano.»

CONTO INFANTIL:

Série A:

«O Sonho» por Carlos
«Lição» por Maria de Portugal
«A desgraça do tio Bonifácio» por José Sebastião Rosado

Série B:

«Não desprezes a tua Pátria» por Graciete Maria Barros.

Série C:

«As duas portas» por Rasec

POESIA INFANTIL

Série A:

«A Vaidade» por João José Fernandes
«Um boneco na praia» por Maria de Portugal
«Portugal» por Jovral

Série B:

«A Pobrezinha» por José de Oliveira
«A Providência não dorme» por Mariazinha

Série C:

«Boa acção» por Êmecêpê
«O Alcaide do Castelo de Faria» por Maria Diniz Martins

No próximo número publicaremos o resultado destes primeiros concursos e algumas das poesias e contos premiados.

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS
e FIXAI CONCEITOS



Para mantermos a vida
Precisamos de comer,
Porém, não é a com...
O fim do nosso vi...!

E por isso, ó juventude,
Nunca percas da lembrança,
Que é uma grande vir...
A chamada tempe.....!



Não encontrei neste mundo
Um querer ao seu igual!
E vivo, forte, prof....,
O santo amor mater...!

Em cem mil anos e um dia
A servi-la com fervor,
Eu nunca lhe pag....
Os juros do seu am...!



POR
JOSINO AMADO

Uma vez uma andorinha,
Cortando o límpido azul,
Chega à aldeia, cansadinha,
Das quentes terras do Sul.

A primavera formosa
Enchia os campos de flores,
E por isso ela, saudável,
Volta ao lar dos seus amores.

Ao vê-lo, sob os beirais,
Tão lindo, intacto, perfeito,
Uns trilos sentimentais
Soltou, alegre, o seu peito.

Mas, ao chegar ao portal,
Da andorinha a gentil asa,
Diz-lhe de dentro um pardal:
— «Alto lá, é minha a casa!»

— «Isso não, tenha paciência,
— A andorinha lhe voltou —
Quem, com trabalho, com ciência

A fez, fui e eu só eu.»

— «Não sei disso, senhoria!...
— Volve o pardal, a mangar —
Foi ao ar... e não queria
Perder a posse ao lugar?!

O ninho é meu!... Vá-se em-
bora,

Há muito beiral no povo,
Ninguém me põe daqui fora,
Vá fazer outro de novo.»

A andorinha, então, disputa,
A força, o que êle lhe nega,
Mas foi vencida na luta,
Por pouco ficando cega.



O CRIADO DO SENHOR JEREMIAS

Por ISABEL AREOSA



O senhor Jeremias tinha um criado aldeão que não sabia ler nem escrever e que, além disso, tinha, também, o entendimento limitado e era duma estupez sem limites...



O senhor Jeremias, que vivia em Lisboa, estando já farto da vida da capital, quis ir passar uma temporada a Caneças e disse ao seu criado que lhe arranjasse as malas e que levasse,



à parte, num cesto, um aquário de cristal com três peixes encarnados, que eram o seu enlêvo.

— «Leva tudo com todo o cuidado, porque se me dás cabo do aquário ou



dos peixes, já sabes que te ponho logo na rua.»

O criado do senhor Jeremias respondeu:

— «Esteja V.^a Ex.^a descansado que há de chegar tudo inteirinho. Lá por isso não há de haver d'úvida...»

No dia da partida, o senhor Jeremias



meteu-se num automóvel. No assento de trás levava o seu criado com as malas e cesto que continha o aquário.

O criado do senhor Jeremias não fez outra coisa, durante todo o caminho, senão vigiar o cesto e segurá-lo cada vez que o automóvel dava um balanço.

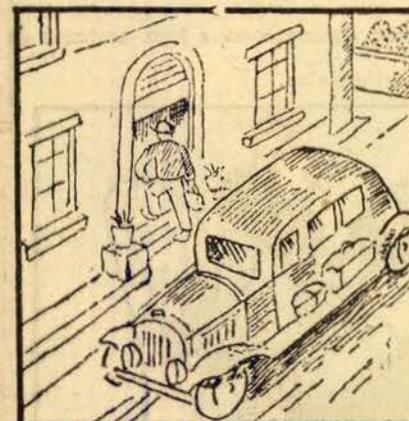
Quando chegaram a Caneças e entra-



ram no «chalet» que o senhor Jeremias ia habitar, o criado depôs, com todas as cautelas, o cesto no chão.

O senhor Jeremias, então, ordenou ao seu criado que tirasse o aquário de dentro do cesto e que o pusesse sobre uma mesa.

O criado do senhor Jeremias abriu o

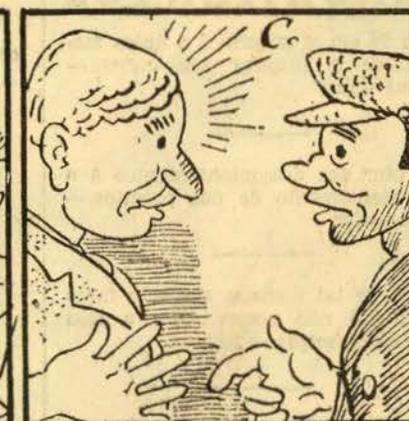


cesto e começou a tirar de lá muita palha e bocados de papéis de jornal amachucados, de dentro dos quais saíram os três peixes encarnados, já mortos.



— «Que vem a ser isto?» — Interrogou, assombrado, o senhor Jeremias?

— «O que há-de ser?...» — (respondeu o criado). E' que eu tive medo que o aquário se partisse e os peixes se estra-

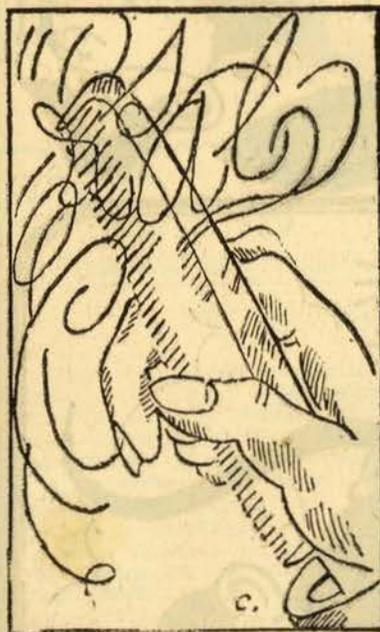


gassem de forma que deitsei fora a água, envolvi o aquário em palha e embriulhei os peixes à parte, em papéis de jornal — e, como V. Ex.^a vê, chegou tudo inteiro!»

Curiosidades

ADIVINHA PROBLEMA ENIGMA

OS LENÇOS



Como se chama esta pessoa que está a pentear-se e a quem cai tanto cabelo?

Em certa loja de roupa branca, vendiam-se lenços a 3\$60 cada um, ou três por 9\$60.

Um dia, o encarregado do estabelecimento, reparou que um dos caixeiros vendia um lenço a uma senhora, e, quando esta saiu, perguntou-lhe:

— «Porque não insistiu com aquela senhora para que comprasse três lenços?»

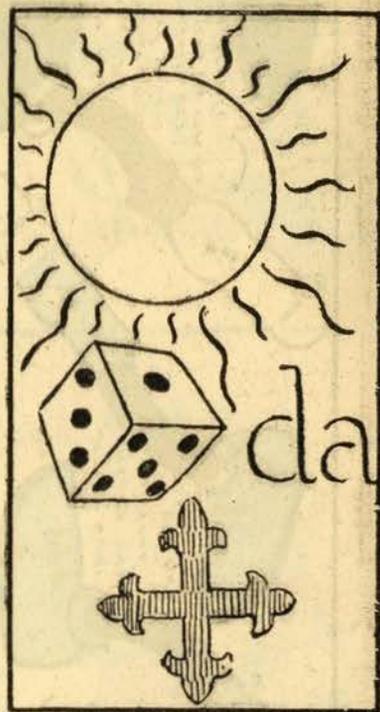
— «Por uma razão muito simples — (respondeu prontamente o rapaz, que não tinha nada de tolo) — porque a casa ganha, na venda de um só lenço, tanto como na venda de três, e por isso é melhor vendê-los um a um.

O encarregado achou-lhe razão. Quanto tinham custado os lenços ao negociante?

A N E D O T A

— «Bons dias, sr. Castro.»
 — «Muito bons dias, sr. Mendes.»
 — «Queria que me alugasse a sua casa para a temporada de verão, se não tem nisso inconveniente.»

— «Nenhum, absolutamente; mas já deve saber, suponho eu, que a cavalariça não a alugo, porque a reservo para mim.»



U m c a n h ã o

AMIGUINHOS:

Hoje o «Pim! Pam! Pum!» vai ensinar-vos a maneira de fazer um canhão para as vossas guerras de soldados de papel.

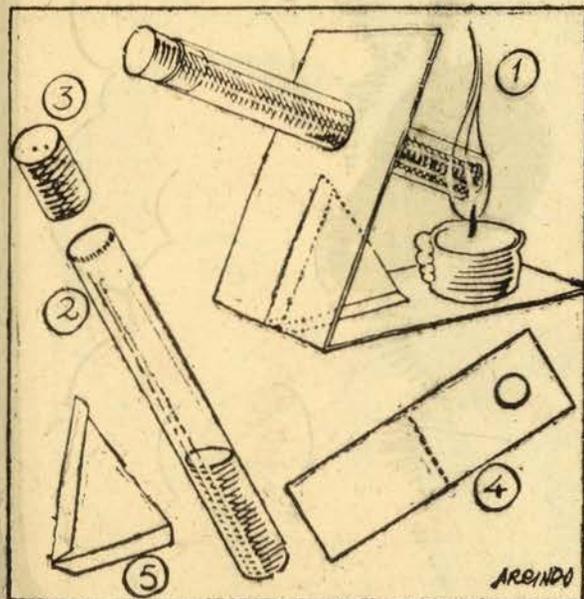
O material necessário para a sua execução é muito reduzido: um tubo de vidro (de aspirina) e respectiva rôlha, fig. 2 e 3, um coto de vela e dois pedaços de cartão, talhados como indicam as fig. 4 e 5.

É tão fácil armar este terrível engenho de guerra que dispensa qualquer explicação. Basta olhar as figuras.

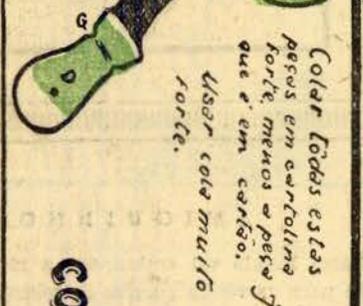
Para fazer funcionar o canhão, deita-se água no tubo até um terço, pouco mais ou menos, da sua altura e veda-se com a rôlha; depois, aquece-se com a vela a extremidade oposta à rôlha, fig. 1.

A água, que está concentrada nesta extremidade, devido à inclinação do tubo, passados momentos começa a libertar vapor que, como os meninos saberão mais tarde, quando estudarem física, exerce pressão sobre as paredes do recipiente.

Quando esta pressão se torna suficiente para vencer a resistência da rôlha, esta salta com grande velocidade e estampido, atingindo, por vezes, grande distância, conforme o tamanho e resistência do tubo.



CHICO MACACO e «ZÉ» MONO



CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

por LAVARES FINO

Seguir rigorosamente as instruções